

MAPEAMENTO DE COMUNICADORAS INDÍGENAS

Projeto Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos.



Direito de Edição, Publicação e Distribuição

Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE

Nome da publicação: Mapeamento de Comunicadoras Indígenas

Ano da publicação: 2024

Organização:

Ana Paula Ferreira de Lima
Olga Matos

Pesquisa, documentação e redação:

Beatriz Tuxá

Indígena do povo Tuxá, localizado ao oeste da Bahia. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Analista em Comunicação na Coordenadoria Ecumênica de Serviço - CESE.

Michelle Prazeres

Jornalista, Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutora em Educação (FE-USP) com pós-doutorado em Comunicação e Semiótica.

Revisão Ortográfica:

Lorena Andrade

Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustrações:

Kath Xapi Puri

Indígena Puri, nascida em Muriaé-MG. Graduada em Design pela Ufes e atuante na área há 7 anos, é também ilustradora e diagramadora. Designer do projeto Patak Maymu.

Wanessa Ribeiro

Nascida na zona norte do Rio de Janeiro. Ilustradora e designer em projetos voltados para questões indígenas, ambientais, culturais, sociais e regionais. Ilustradora do projeto Patak Maymu.

Sobre a CESE: A CESE é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, formada por igrejas cristãs e apoiada financeiramente por: Aliança de Batistas do Brasil (ABB), Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IELCB), Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU) e Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR)/ CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Fundada em 1973 para ser uma expressão do compromisso ecumênico em defesa dos direitos humanos.

Esta publicação é parte do Projeto Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos, com apoio financeiro da União Europeia.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tuxá, Beatriz

Mapeamento de comunicadoras indígenas [livro eletrônico] : Projeto Patak Maymu : autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do cerrado na defesa de seus direitos / Beatriz Tuxá, Michelle Prazeres ; organização Ana Paula Ferreira de Lima, Olga Matos. -- Salvador, BA : Soffia10 Assessoria Socioculturais e Educacionais : CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço, 2024.

PDF

ISBN 978-65-85847-08-7

1. Acesso à informação 2. Comunicação 3. Mulheres indígenas 4. Pesquisas 5. Povos indígenas - Direitos fundamentais 6. Sociologia I. Prazeres, Michelle. II. Lima, Ana Paula Ferreira de. III. Matos, Olga. IV. Título.

24-222967

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação : Aspectos sociais 302.2

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	4
MAPEAMENTO DE COMUNICADORAS INDÍGENAS	5
DETALHAMENTO DAS FASES	6
Fase 1: Coleta coletiva presencial	6
Detalhamento dos pontos - Percepções	6
Pontos de atenção	8
Depoimentos	9
Fase 2: Pesquisa digital	10
Depoimentos	11
Fase 3: Entrevistas em profundidade	12
Alguns achados desta fase	12
Outras percepções	13
Depoimentos	14
DADOS ENCONTRADOS	15
QUESTÕES NO HORIZONTE	16
1. Formação em comunicação	16
2. Barreiras de linguagens	16
3. Machismo e outras formas de discriminação	16
4. Segurança digital e exposição da imagem	17
5. O papel da comunicação face a face no território	17
6. Saúde mental de mulheres indígenas comunicadoras	17
7. Ferramentas, recursos, processos de comunicação e acesso à informação	18
8. Efeitos da participação de mulheres na comunicação das organizações	18
REFERÊNCIAS	19
ANEXOS	20



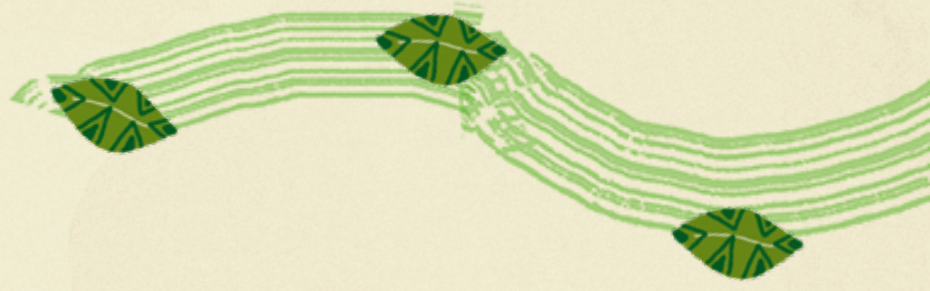
APRESENTAÇÃO

Este documento tem como objetivo apresentar a colheita parcial da realização do Mapeamento de Comunicadoras Indígenas, parte integrante do projeto “Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos”. Para dar conta deste objetivo, está organizado nas seguintes partes: esta apresentação; um detalhamento das etapas, dados a partir das colheitas; e apreciação / questões no horizonte.

O projeto “Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos” tem como **objetivo** fortalecer a garantia dos direitos das mulheres indígenas e seus povos, além do incentivo ao seu protagonismo e de suas organizações, contribuindo para que elas sejam reconhecidas dentro e fora de suas comunidades, pelo movimento indígena e pela sociedade brasileira.

O projeto prevê **atividades** de formação, comunicação e apoio a projetos, buscando contemplar a diversidade das mulheres indígenas e organizações mistas, incluindo a juventude e indígenas no contexto urbano; e possui 11 estados de **abrangência**: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

A iniciativa é da CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço, com apoio e financiamento da União Europeia e realizada em parceria com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB, União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira – UMIAB, Takiná - Organização de Mulheres Indígenas de Mato Grosso, Mulheres Indígenas Xakriabá, e Guarani e Kaiowá e Fundo Indígena da Amazônia Brasileira – Podáali.



MAPEAMENTO DE COMUNICADORAS INDÍGENAS

O Mapeamento de Comunicadoras Indígenas é uma das atividades integrantes do projeto “Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos”.

Sua realização aconteceu em três fases:

1. Coleta coletiva presencial - realizada em Fevereiro de 2024 no Mato Grosso do Sul, durante o Encontro de “Mulheres Indígenas do Cerrado”.
2. Pesquisa digital, realizada por meio de formulário online aplicado entre 23 de fevereiro e 18 de março.
3. Entrevistas em profundidade, realizadas de forma síncrona entre 11 a 29 de maio de 2024, por meio de plataforma digital em vídeo.

A metodologia de realização do mapeamento previu a jornada de fases e se manteve aberta para que os achados de uma fase validassem a sequência do trabalho na fase seguinte, de modo que os resultados da coleta coletiva deram origem aos roteiros da pesquisa digital que, por sua vez, apontou para questões que orientaram a confecção dos roteiros de entrevista em profundidade.



DETALHAMENTO DAS FASES

Fase 1: Coleta coletiva presencial

Entrevista coletiva feita para o Mapeamento de comunicadoras indígenas, no âmbito do projeto “Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos”, no encontro de “Mulheres Indígenas do Cerrado”, com cerca de 30 participantes de mais de 13 povos, entre eles Xakriabá, Kawaiwete/Kaiabi, Yawalapiti, Xavante, Kiriri, Guarani e Kaiowá, Kurâ Bakairi, Boe Bororo, Kadweu, Xucuru-Kariri, Krikati, Terena e Krahô.

Para responder ao questionário, o grupo de mulheres foi dividido em trios e duplas, onde cada grupo respondeu a uma pergunta de oito questões.

Alguns pontos se destacaram no diálogo:

- Percepções diferentes do que é comunicação, apontando comunicação oral, face a face “corpo que fala”, escrita e informal, como forma de se comunicar, salientando a importância de levar informações para as bases e aos anciãos e anciãs.
- Desafios da comunicação digital.
- O machismo como comportamento cravado dentro dos territórios, o que faz com que elas tenham dificuldades de comunicação e autonomia nas tomadas de decisões.
- A violência, que silencia as mulheres dentro e fora das Terras Indígenas.
- Segurança pessoal e digital para quem faz comunicação.
- A histórica proibição da língua indígena. Muitas se sentem violadas, porque para se comunicar, precisam falar e aprender de forma forçada o Português para que suas narrativas tenham mais visibilidade e chegue aos não indígenas também.

Detalhamento dos pontos - Percepções

- A comunicação representa um instrumento fundamental para a participação política, manifestações nas aldeias e entre as comunidades, nas participações das expressões culturais e espirituais,





sendo uma ferramenta de autonomia e sensibilização social importante na defesa dos direitos territoriais e culturais destes grupos.

- Os recursos online têm sido usados para diminuir o isolamento em que muitas comunidades se encontram e ultrapassar a falta de espaço que esses povos enfrentam nos meios de comunicação e mídias tradicionais.
- As mídias digitais são ferramentas que dão voz a elas e seus povos. Sabe-se que o conhecimento e o modo de vida das comunidades indígenas são passados oralmente, de modo que a comunicação verbal desempenha um papel indispensável na interação social, tanto dentro como fora de suas aldeias, como instrumento de articulação entre si e com os outros.
- A vulnerabilidade e a opressão das mulheres na sociedade e dentro de seus territórios têm sido pauta recorrente dentro do movimento indígena. Elas buscam espaço, lutam contra violências como assédio sexual, a romantização e fetichização do “corpo território” da mulher indígena, resistindo para continuar existindo.
- O machismo dentro do território dificulta seu protagonismo, autonomia, liberdade de expressão, direito de fala, participação nas tomadas de decisões, ter voz e ser ouvida. Ao longo da história, as mulheres têm sido alvo de diversos tipos de violências de gênero colonialistas, patriarcais, racistas, sexistas, misóginas, ambientais, latifundiárias, patrimoniais, psicológicas, físicas e sexuais.
- Para as mulheres comunicadoras, em especial aquelas mais velhas, casadas ou mães, trabalhar com comunicação faz com que elas carreguem o peso de não errar para que não sejam vistas com baixa competência por seus líderes que antes ficavam à frente de tais cargos, ou até mesmo para grupos sociais que não as consideram comunicadoras, por fazer uma comunicação comunitária, popular e não possuir um certificado/diploma na área, deslegitimando seu trabalho.
- Quanto à produção de conteúdo, as mulheres encontram dificuldade no acesso às informações para fazer denúncias, pelo perigo que muitas vezes correm. Elas sentem-se inseguras quanto à falta de proteção para cobrir momentos conflituosos.





- O celular tem sido o maior aliado desses povos. É a tecnologia que elas mais têm contato e utilizam como ferramenta para fazer essa comunicação.
- Uma dificuldade que elas relatam é com a escrita, por isso citam a importância de oficinas e formações voltadas para área. Muitas são comunicadoras populares e não têm formação, mas têm a vivência dentro do território em suas organizações de base e em redes de comunicadores, a construção e formação delas é dentro do território. Expõem também a importância do visível aumento de indígenas ocupando as redes.
- Elas trazem além da comunicação digital, o corpo e a oralidade como esse objeto de transmissão de informações, o que é muito presente entre povos indígenas. Elas informaram o que defendem enquanto comunicadoras, destacando que as pautas das mulheres indígenas é extensa e requer muitos enfrentamentos. Algumas das bandeiras de luta citadas foram: direitos das mulheres, segurança alimentar, direitos do povos indígenas, meio ambiente/mudanças climáticas, juventude indígena, igualdade de gênero, autonomia e empoderamento das mulheres indígenas, saberes ancestrais, valorização cultural, artesanatos, educação e juventude estudantil e medicina indígena.
- Para essas mulheres, é significativo ocupar esse espaço nas redes sociais ou nas grandes mídias em que quem falava sobre os povos indígenas eram os não indígenas. Se apropriar de tecnologias modernas de informação é desconstruir narrativas impostas pelo colonizador, passando a contar suas próprias vozes suas histórias, que tiveram como ponto de partida a proteção dos modos de vida dos 305 povos¹ que vivem no Brasil e a demarcação de seus territórios.

Pontos de atenção

- É preciso considerar obstáculos linguísticos: a linguagem falada é também considerada pelas mulheres uma ferramenta concreta, um instrumento de luta e resistência.

1 Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-denoticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiomas>



- É indispensável assegurar a proteção das comunidades indígenas frente às potenciais ameaças virtuais, visando a promoção da cidadania digital através de uso mais seguro e responsável da internet.
- É crucial ter discernimento sobre o conteúdo que é publicado e compartilhado online para resguardar a segurança de suas informações. Elas podem ser facilmente utilizadas em golpes ou para prejudicar a reputação pessoal, da organização ou comunidade tradicional. Um exemplo citado por elas são as *fake news*.
- É fundamental promover a educação midiática como arma contra a propagação de desinformação e notícias falsas, além de verificar a veracidade das informações antes de compartilhá-las.
- Para que possam fazer uma boa comunicação e com maior qualidade, elas precisam de equipamentos, o que permeia a questão da necessidade de apoio financeiro.
- É importante evitar expor dados sensíveis, como informações pessoais e localização.
- Nem todos os territórios possuem internet de qualidade.

Os achados desta fase nutriram a construção do formulário aplicado na pesquisa digital, realizada na fase seguinte. Os temas abordados nas perguntas do questionário emergiram da escuta às mulheres que estavam na colheita coletiva.

Depoimentos

“Ser mulher comunicadora é levar as informações para a comunidade. Ser porta-voz das mulheres. Ser aberta a conversas, escutas e entendimentos”.

Amairé Kaiabi do povo Kawaiwete-MT, Zenilda Kaiowá do povo Guarani e Kaiowá-MS e Justina Lopes Gonçalves do povo Guarani e Kaiowá-MS





“Não tem segurança para quem faz denúncias. Evitamos anunciar alguns eventos antes de acontecer. Não postamos muitas informações em relação ao território, às vivências, às questões sagradas, rituais”.

Leticia Krikati do povo Krikati-MA , Marinete Xacriabá do povo Xakriabá-MG e Maria Terena do povo Terena-MS

“A assembleia nasceu, porque eu vi muitos homens tomando decisões pela vida das mulheres. Os homens não deixam a gente falar. Eu comecei a ser minha própria voz”.

Iranildes Rodrigues Mandicai do povo Bakairi-MT, Ana Terra do povo Yawalapiti-MT

“Buscamos comunicação, porque nosso território-corpo foi invadido. A comunicação nos trouxe voz”.

Marília Pôkwyj do povo Krahô-TO, Rosicleide Vilhalva do povo Guarani e Kaiowá-MS e Cleidiane Koriga do povo Boe Bororo-MT

Fase 2: Pesquisa digital

A pesquisa virtual foi realizada por meio de formulário online aplicado entre 23 de fevereiro e 18 de março de 2024. Das 122 respostas recebidas, 121 foram validadas (1 estava fora da área de abrangência do projeto). Entre as mulheres autoras das 121 respostas, se identificam 58 povos; sendo que seis das mulheres possuem dupla etnia. A faixa etária das respondentes varia entre 15 e 55 anos.

Respostas por Estado

Acre	13
Amapá	2
Amazonas	14
Maranhão	9
Mato Grosso	26
Mato Grosso do Sul	14
Minas Gerais	7
Pará	6
Rondônia	7
Roraima	15
Tocantins	8

- **Plataformas mais usadas para comunicar:** Whatsapp, Instagram, Facebook, TikTok e Youtube.
- **Outras plataformas mencionadas:** Twitter (X), Meet.
- **Formatos mais usados:** imagem, vídeo, texto, áudio.
- **Outros formatos mencionados:** palestras, feiras, design, fotos, cards.

Os achados desta fase nutriram a construção do formulário aplicado na pesquisa digital, realizada na fase seguinte. Encaminhou-se que as mulheres a serem entrevistadas em profundidade deveriam representar um perfil diverso do ponto de vista dos estados, etnias, organizações que representam, faixa etária, formatos e plataformas que utilizam e formação em comunicação.

Depoimentos



“Uso minhas redes sociais para falar sobre povos indígenas do Acre, e sobre a cultura do meu povo Puyanawa. Faço registros das nossas festas tradicionais, das músicas, danças e brincadeiras como um mecanismo de deixar um registro para as novas gerações desfrutarem”.

Caroline Lima da Costa, do povo Puyanawa-AC

“Que os povos possam se apropriar de ferramentas da comunicação para continuar a lutar pelos seus direitos e dar voz às suas comunidades”.

Juliana Albuquerque Samores, do povo Baré-AM

“Uso a comunicação como forma de mostrar o trabalho da nossa organização de mulheres indígenas Guerreiras da floresta. E para dar visibilidade ao nosso trabalho para que outros parentes possam se espelhar na defesa dos seus territórios também”.

Poliana Moreira, do povo Guajajara-MA

“A luta indígena é pela proteção do território, as ferramentas tecnológicas como câmera e celular são instrumentos de vários povos indígenas para transmitir nossa realidade dentro das aldeias, como: danças tradicionais, comida típica, luta dos povos indígenas no Acampamento Terra Livre e a Marcha das Mulheres, cantos e outros”.

Kokokaroti Txukahamãe Metuktire, do povo Mebengökrê Kayapó-MT

Estados de abrangência



Fase 3: Entrevistas em profundidade

As entrevistas aconteceram pela plataforma Google Meet, cada uma com em média 1h de duração. Foram ouvidas sete mulheres de diferentes idades entre comunicadoras populares e graduadas na área de comunicação.

As perguntas foram definidas através do perfil de cada entrevistada, sendo 8 perguntas para cada uma. As 5 primeiras perguntas do questionário eram iguais para todas e as outras 3 foram direcionadas para o perfil individual delas, como: Estado (uma do estado com maior número de participação e outra do estado com menor), Dupla etnia (contemplando bioma Amazônia e Cerrado), Organização a qual fazem parte (uma maior e uma menor), Idade (mais nova: 15; mais velha: 55), Trabalha com Instagram e Whatsapp.

Alguns achados desta fase

- A maior parte das entrevistadas é de comunicadoras populares (não passaram por processos de educação formal na área).

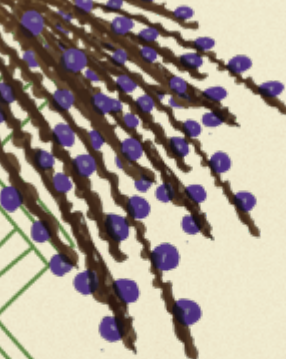


- A maioria das entrevistadas tem dificuldades ou já passou por alguma barreira linguística e considera que esses desafios enfrentados dificultam sua comunicação.
- Todas já vivenciaram ou presenciaram alguma adversidade ou violência de gênero. Uma parte diz que o machismo interfere no modo de fazer comunicação.
- A maior parte delas já se sentiu desprotegida e vulnerável usando as redes sociais, principalmente as que usam como ferramenta de denúncia.
- Todas entendem a comunicação face a face como um formato mais intimista e pessoal de comunicação, que tem o papel de aproximar e informar as pessoas na aldeia ou fora dela.
- Muitas delas integram uma rede de comunicadores e/ou gere as redes sociais da organização, ou faz foto, ou texto/legenda.
- A maior parte das entrevistadas entende formações (investimento na educação), intercâmbios e recursos para compras de equipamentos enquanto aspectos que podem apoiar atividades, redes ou projetos de comunicação.

Outras percepções

- Intercâmbios dentro dos territórios podem ser meios de fortalecimento das organizações, para que o que é tratado dentro da base tenha maior visibilidade.
- Machismo e a falta de educação formal (graduação) na área são percebidos como dificuldades.
- As mulheres se percebem como inspiração para a juventude, mostrando que mulheres indígenas comunicadoras podem ocupar o espaço que quiserem.
- As mulheres percebem a importância de participar da comunicação de suas organizações, mesmo enfrentando violência de gênero ou racismo - que se expressam, sobretudo, quando dizem que esse espaço não é para elas. Por isso, ressaltam a necessidade de trazer a comunicação como um direito para o empoderamento feminino.



- 
- Uma parte das entrevistadas já passou ou está passando por alguma situação delicada em relação à saúde mental, em especial aquelas que estão há mais tempo na luta da comunicação ou as que trabalham com denúncias.
 - A falta de serviços de saúde mental apropriados e a presença de discriminações em relação a isso são barreiras que impedem as comunidades e mulheres indígenas de procurarem assistência.
 - A insegurança acerca da demarcação de terras, as violações aos direitos das mulheres indígenas, a falta de acesso à saúde e o racismo são alguns dos reflexos para que desenvolvam problemas relacionados à saúde mental.
 - Boa parte delas usa mais o Instagram como principal rede, porque o alcance é maior, e utilizam o Whatsapp para uso pessoal.

Depoimentos

“Não é uma regra aprender a falar o português para comunicador, internalizamos esse conceito de que precisa aprender o português para comunicar e acaba criando-se um problema de identidade”.

Luene Anicá do povo Karipuna-AP

“Eu vejo que a comunicação é uma ferramenta de estratégia para a gente falar sobre o machismo e sobre o racismo dentro das terras indígenas”.

“Um modo de fortalecer a organização é através de intercâmbio dentro dos territórios, dentro das bases, não só nas capitais. É ver e entender o que os comunicadores vivenciam dentro dos territórios. Seria muito importante e essencial essa troca para o crescimento das instituições”.

Elisângela Baré, do povo Baré-AM

“Estamos incentivando os jovens a reconhecer seus potenciais. A aldeia é riquíssima de conhecimentos”.

Simikadi Bixoá, dos povos Javaé e Xerente-TO

DADOS ENCONTRADOS

COLETA COLETIVA PRESENCIAL

Encontro de "Mulheres Indígenas do Cerrado"

 Fevereiro de 2024

 Mato Grosso do Sul

30 participantes
+ de 13 povos



PESQUISA ONLINE

121 mulheres de 58 etnias



Faixa etária de 15 a 55 anos

- Diversos formatos de conteúdos, imagens, vídeos, textos e áudios.
- Comunicação oral, pessoalmente.



DIVERSOS USOS DE REDES E PLATAFORMAS



Instagram



WhatsApp



Youtube



Facebook



Tiktok



Twitter



ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

7 MULHERES

Diversidades de estados, etnias, organizações, faixa etária e plataformas que usam.





QUESTÕES NO HORIZONTE

Ao longo do processo de construção do mapeamento, alguns temas emergiram dos diálogos e escutas com as comunicadoras indígenas envolvidas.

1. Formação em comunicação

As mulheres se reconhecem como comunicadoras, entendem a importância de seu trabalho, mas relatam uma luta permanente por legitimidade e reconhecimento, conectada à ausência de um processo de educação formal de comunicação. Como a maior parte delas se identifica como comunicadoras comunitárias e populares, o grupo não necessariamente as reconhece enquanto comunicadoras “formais”, por falta de um certificado ou diploma que “formalize” esta capacidade.

2. Barreiras de linguagens

Ainda que percebam a comunicação enquanto prática que constrói pontes e projeta suas vozes para espaços (políticos, de participação; e simbólicos, de visibilidade), as mulheres comunicadoras indígenas relatam a violência de ter que se comunicar em uma língua que não é a sua própria. Ter que aprender uma linguagem para se comunicar é uma violência. E ainda que tenham feito este esforço de aprendizado, elas apontam as barreiras de linguagem como obstáculos para a comunicação ter ainda mais potência.

3. Machismo e outras formas de discriminação

O machismo e outras formas de discriminação são identificados pelas mulheres (1) como “motor” que impulsiona a necessidade e o desejo de se comunicar (isso fica evidente em falas como “comecei a me comunicar, porque os homens tomavam decisões pela vida das mulheres), (2) como obstáculo para que elas sejam reconhecidas e legitimadas como lideranças e tenham de fato suas vozes escutadas, ecoadas e consideradas; e (3) enquanto agenda ou tema de atuação de sua luta contra a discriminação e as desigualdades.

4. Segurança digital e exposição da imagem

As mulheres comunicadoras indígenas relatam diversas questões relacionadas à segurança, tanto do ponto de vista da vigilância digital quanto do ponto de vista da violência à qual estão sujeitas por conta da exposição que a comunicação lhes traz. Elas mesmas desenvolvem algumas saídas e soluções relacionadas à sua proteção no ambiente digital (deixam de comunicar alguns detalhes relacionados ao território, por exemplo). As ameaças à integridade parecem atingir mais as mulheres que fazem o trabalho de comunicação há mais tempo ou aquelas que trabalham com denúncias.

5. O papel da comunicação face a face no território

A escuta às mulheres revelou uma visão ampliada de comunicação: ainda que reconheçam a comunicação “funcional”, atrelada a ferramentas e aparatos - especialmente os dispositivos digitais - como uma prática que apoia a participação política e a visibilidade das suas lutas, com reverberações para a sua posição diante da comunidade e do círculo de mulheres de seus territórios, a comunicação face a face presencial é essencial para a troca com outras mulheres, para o intercâmbio entre elas, para a construção de um senso de comunidade e pertencimento e para o fortalecimento de vínculos de confiança e parceria. Um ponto sensível é a percepção de que o Whatsapp seria uma espécie de projeção deste tipo de comunicação, que no entanto, acontece com a mediação de uma ferramenta tecnológica.

6. Saúde mental de mulheres indígenas comunicadoras

A questão da saúde mental está inter-relacionada com as múltiplas violências às quais as mulheres estão submetidas e desponta também entre aquelas que estão há mais tempo na luta da comunicação ou as que trabalham com denúncias. Mas a questão da saúde é também percebida em outras interfaces. O tabu relacionado a questões de saúde mental que existe na sociedade como um todo se espelha na invisibilidade do tema também nos territórios destas mulheres, que apontam também para a falta de serviços adequados de atendimento em saúde mental. Os tabus e a falta de acesso a serviços são indicados como fatores que impedem as comunidades e mulheres indígenas de procurarem assistência. Questões





transversais, a insegurança acerca da demarcação de terras, as violações aos direitos das mulheres indígenas, a falta de acesso à saúde integral e o racismo são indicados como fatores que levam as mulheres a desenvolver problemas relacionados à saúde mental.

7. Ferramentas, recursos, processos de comunicação e acesso à informação

As plataformas digitais são os meios reconhecidos pelas mulheres comunicadoras indígenas enquanto canais de exercício de uma forma de comunicação que contribui para a expansão de suas vozes para canais e espaços onde não necessariamente ecoariam. Ou seja: de alguma forma, estas mulheres reconhecem que estes meios democratizam o acesso delas a um espaço de debate público. No entanto, elas também apontam para algumas barreiras, desafios e necessidades, como, por exemplo, a falta de acesso pleno à internet e a demanda por letramentos digitais e educação midiática, tanto para que possam atuar neste campo de maneira mais qualificada, como para que possam praticar a comunicação de forma mais segura. O Whatsapp é a rede mais usada pelas mulheres (entendida como espaço privado de diálogo e como mecanismo que reproduz o sentido da comunicação face a face, no entanto, mediada por tecnologia). O Instagram é a segunda mais utilizada, e seria possível compreender este dado tendo em vista o cruzamento com os formatos mais relatados por elas: imagem, vídeo, texto, áudio (nesta ordem).

8. Efeitos da participação de mulheres na comunicação das organizações

O lugar das mulheres comunicadoras em suas organizações é um tema que pode receber mais ênfase em uma eventual continuidade do projeto. Ainda que todas as mulheres entrevistadas possuam algum vínculo institucional, este tema foi mencionado por algumas delas na fase de entrevista em profundidade. Elas enxergam sua prática de comunicação como algo fundamental, que está na ordem tanto da visibilidade que trazem para a organização, quanto do exemplo e da liderança que passam a sinalizar para outras mulheres do grupo.



REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14262-asi-censo-2010-populacao-indigena-e-de-8969-mil-tem-305-etnias-e-fala-274-idiommas>. Acesso em: 24 fev. 2024.

AGÊNCIA BRASIL. Indígenas debatem importância da comunicação para o movimento. Agência Brasil, Brasília, 26 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-04/indigenas-debatem-importancia-da-comunicacao-para-o-movimento>. Acesso em: 26 fev. 2024.

AMARAL, E.; VAZ CABRAL FILHO, A. Comunicação dos Povos Indígenas como chave para práticas decoloniais de uma outra-comunicação. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 21, n. 41, p. 60-72, 2022. DOI: 10.55738/alaic.v21i41.901. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/901>. Acesso em: 26 fev. 2024.

ANEXOS

Formulário Online - Mapeamento de Comunicadoras Indígenas

O projeto “**Patak Maymu: Autonomia e participação das mulheres indígenas da Amazônia e do Cerrado na defesa de seus direitos**” tem como objetivo fortalecer a garantia dos direitos das mulheres indígenas e seus povos, além do incentivo ao seu protagonismo e de suas organizações, contribuindo para que elas sejam reconhecidas dentro e fora de suas comunidades, pelo movimento indígena e pela sociedade brasileira.

Nesse período, acontecerão atividades de formação, comunicação e apoio a projetos, buscando contemplar a diversidade das mulheres indígenas e organizações mistas, incluindo a juventude e indígenas no contexto urbano.

O projeto tem 11 estados de abrangência: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais e conta com a parceria da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira – COIAB, União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira – UMIAB, Takiná -Organização de Mulheres Indígenas de Mato Grosso, Mulheres Indígenas Xakriabá, e Guarani e Kaiowá e Fundo Indígena da Amazônia Brasileira – Podáali.

Essa iniciativa fortalece a capacidade de articulação das organizações entre si e com outros segmentos a partir das atividades de formação e articulação que acontecerão em encontros inter-regionais e microrregionais.

É uma **iniciativa** da **CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço**, com apoio e financiamento da **União Europeia**.

SE VOCÊ ESTÁ EM UM DOS ESTADOS DE ABRANGÊNCIA DO PROJETO E É UMA MULHER INDÍGENA COMUNICADORA, CONTRIBUA COM O MAPEAMENTO PREENCHENDO O FORMULÁRIO.

1 - Nome*

Texto de resposta curta

2 - E-mail*

Texto de resposta curta

3 - Número de telefone com o DDD*

Texto de resposta curta

4 - Povo/Etnia*

Texto de resposta curta

5 - Comunidade/aldeia/ Território*

Texto de resposta curta

6 - Idade*

Texto de resposta curta

7 - Estado*

8 - Está vinculada a uma organização e/ou rede? Qual? *

Texto de resposta curta

9 - Qual a plataforma que você usa para se comunicar? *

Outros...

10 - Que outros modos de comunicação você utiliza? (Conversas, rodas, comunicados impressos, rádio, revista, jornal, boletins, etc) *

Texto de resposta curta

11 - Com que formato você produz comunicação? *

Outros...

12 - Com que causa ou bandeira você atua? Que posicionamento defende em sua comunicação? *

Texto de resposta longa

13 - Gostaria de deixar algum comentário ou sugestão?

Roteiro entrevista coletiva

1. Então, você contou para nós, no formulário, que se comunica destas formas. Tem algum outro espaço em que você considera que faz comunicação? Presencial, em roda, face a face?

Resposta

2. Como é ser uma mulher indígena comunicadora? Poderia compartilhar os principais desafios que enfrenta e os principais pontos positivos de ser uma mulher indígena comunicadora?

Resposta

3. Você acha que esta condição (de ser mulher) interfere no seu projeto de comunicação? Como? Gostaria de compartilhar algum episódio em que isso ficou evidente?

Resposta

4. Poderia compartilhar o que sente e pensa em relação à questão da segurança? *Se sente segura comunicando? Se sente insegura? Já viveu algum episódio específico relacionado a esta questão?*

Resposta

5. Você tem ou teve alguma formação em comunicação para ser comunicadora? Se considera uma comunicadora popular, comunitária? *Poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?*

Resposta

6. Com que idade você começou o seu projeto de comunicar? Gostaria de fazer algum comentário relacionado à sua idade ou ao tempo que exerce esta atividade?

Resposta

7. Que posição você considera que ocupa no seu grupo / coletivo / comunidade / território? A comunicação te ajuda ou atrapalha a estar nesta posição?

Resposta

8. Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

Resposta

Roteiro de Entrevistas em profundidade

Perguntas gerais (tem em todos os questionários):

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

ROTEIROS PERSONALIZADOS

1 Entrevistada - Estado com menor participação no formulário online/ Amapá

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Como é ser uma mulher indígena comunicadora? Poderia compartilhar os principais desafios que enfrenta e os principais pontos positivos, exercendo essa função dentro e fora do território?

7 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

8 - Por que você utiliza mais o Instagram ou Whatsapp para compartilhar seu conteúdo e como essas redes fortalecem sua comunicação?

2 Entrevistada - Estado com maior participação no formulário online/ Mato Grosso

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Quanto à produção de conteúdo, (pelo perigo que muitas das vezes correm) você encontra dificuldade de acesso às informações para fazer denúncias? Pode descrever?

7 - Por que você utiliza mais o Instagram para compartilhar seu conteúdo? E como esses canais e redes fortalecem sua comunicação?

8 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

3 Entrevistada - Mais velha/ Minas Gerais

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Por que você usa bastante o Whatsapp? Você pensa que ele pode ter uma eficácia parecida com as conversas um a um?

7 - Pra você qual seria a melhor forma de adaptação da mensagem para que ela chegue ao receptor com menos ruído, interferências?

8 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

4 Entrevistada- Mais nova/ Acre

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Quanto à produção de conteúdo, (pelo perigo que muitas vezes correm) você encontra dificuldade ao acesso às informações para fazer denúncias? Pode descrever?

7 - Por que você utiliza mais o Instagram, para compartilhar seu conteúdo? E como esses canais e redes fortalecem sua comunicação?

8 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

5 Entrevistada - do Amazonas

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Há quanto tempo você trabalha com comunicação? Quem faz a comunicação da sua organização é você?

Se sim, quais estratégias você acha que podem ser implementadas para fortalecer sua organização e dar maior visibilidade às questões tratadas?

7 - Como você percebe os efeitos de sua participação na comunicação de sua organização?

8 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

6 Entrevistada- Dupla etnia, estado do Tocantins - Cerrado

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Que recursos, ferramentas ou processos podem apoiar a sua prática como comunicadora? Como pensa que podemos apoiá-la e fortalecê-la em suas bases para afirmar que o que você faz é comunicação?

7 - Por que você utiliza mais o Instagram ou Whatsapp para compartilhar seu conteúdo e como essas redes fortalecem sua comunicação?

8 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?

7 Entrevistada- Dupla etnia, estado de Roraima- Amazônia

1 - Como você adquiriu o conhecimento em comunicação? De forma experimental ou tem alguma formação para atuar como comunicadora? Caso não tenha uma formação, poderia compartilhar se já se sentiu desrespeitada ou deslegitimada por não ter uma formação específica em comunicação?

2 - Em sua prática como comunicadora, já enfrentou alguma barreira linguística? Os obstáculos linguísticos dificultam a comunicação? Poderia descrever um momento em que isso tenha acontecido?

3 - Em algum momento em sua prática de comunicadora, já passou por alguma situação em que se sentiu discriminada por ser mulher? Como o machismo interfere no modo de fazer comunicação dentro das bases?

4 - Fazendo comunicação, você já se sentiu exposta ou desprotegida por estar nas redes? Quais meios de intervenções você considera necessários para ter segurança digital e pessoal para fazer comunicação/denúncias?

5 - Em sua prática, você usa comunicação pessoal / face a face? Para você, qual o papel da comunicação face a face para as comunicadoras indígenas? Poderia compartilhar um exemplo deste tipo de comunicação que você considera que foi eficaz?

6 - Que recursos, ferramentas ou processos podem apoiar a sua prática como comunicadora? Como pensa que podemos apoiá-la e fortalecê-la em suas bases para afirmar que o que você faz é comunicação?

7 - Como você percebe os efeitos de sua participação na comunicação de sua organização?

8 - Como você sente seu emocional / psicológico como comunicadora? Gostaria de compartilhar alguma situação ou episódio relacionado a sua saúde mental?



